



A SAÚDE DO BRASIL

Setor é multifacetado e movimentado a economia do país em várias frentes

POR CLAUDIA VIOLANTE, DÉCIO GALINA, IURI DANTAS, JOSÉ VICENTE BERNARDO, LUCAS BORGES TEIXEIRA, ROBERTO DUARTE E THIAGO NEY

REPORTAGENS

- 32 Raio X do setor
- 34 A saúde do C-level em risco: pressão aumenta perigo de AVC e infarto
- 35 Telemedicina: setor deve movimentar R\$ 12,2 bilhões
- 36 Doenças crônicas: incidência cresce entre jovens e crianças
- 37 Combate ao câncer: biópsia líquida detecta células agressoras
- 38 Doenças infecciocontagiosas: principais sintomas e avanços no diagnóstico
- 39 Dores crônicas: fibromialgia e novos tratamentos
- 40 Depressão: o boom na venda de remédios para o mal do século 21
- 41 Longevidade: oportunidade de negócios em várias frentes
- 42 Millennials: hábitos digitais e estresse comprometem a saúde de jovens
- 43 Em nome da cura: brasileiros que fizeram - e fazem - a diferença na medicina

ENTREVISTAS

- 44 João Adibe Marques: dono e presidente do Grupo Cimed
- 48 Carlos Marinelli: CEO do Grupo Fleury
- 49 Cleiton de Castro Marques: CEO da Biolab
- 50 Lídia Abdalla: CEO do Laboratório Sabin
- 51 Marcelo Doll Martineli: presidente do Grupo DPSP
- 52 Marcílio Pousada: presidente do Grupo Raia Drogasil
- 53 Ogari Pacheco: cofundador do Laboratório Cristália
- 54 Paulo Chapchap: CEO do Hospital Sírio-Libanês
- 55 Patrick Eckert: presidente da Roche Farma Brasil
- 56 Pedro de Godoy Bueno: presidente da Dasa
- 57 Roberto Santoro: CEO do Grupo Hermes Pardini
- 40 Sidney Klajner: presidente do Hospital Israelita Albert Einstein

RAIO X DO SETOR

Quando alguém faz um exame de sangue, compra um remédio ou é atendido em um hospital, aciona uma das muitas engrenagens que movimentam um setor extremamente complexo e que tem papel fundamental na economia do país.

A saúde privada no Brasil reúne principalmente hospitais e clínicas, serviços de diagnósticos – como laboratórios de análises clínicas e de imagem –, farmácias e fabricantes de medicamentos e de produtos médico-hospitalares. Estes incluem desde luvas descartáveis e aventais até aparelhos de ressonância magnética, reagentes para exames de laboratórios e os equipamentos que processam todos esses exames.

Um dos aspectos que mais preocupam os gestores do universo da saúde é encontrar meios para usar os recursos de modo mais eficiente, reduzindo o desperdício de tempo, esforços e dinheiro. Essa busca tem movimentado grandes grupos e tem servido como mola propulsora para a criação de incontáveis healthtechs – startups focadas em saúde, geralmente apoiadas em inovações tecnológicas. O setor também observa atentamente a movimentação da economia de forma mais ampla. “A saúde privada depende diretamente da situação econômica e da geração de empregos para crescer. Quando a economia vai bem, aumenta o acesso aos hospitais, que é feito principalmente por usuários de planos de saúde”, explica Ary Ribeiro, vice-presidente do Conselho de Administração da Anahp, entidade de classe que tem 118 associados, entre eles os maiores hospitais do país.

Segundo Ribeiro, em 2018, os hospitais geraram 96 mil empregos, o que representa um crescimento de 81% em relação ao ano anterior. Somente nas atividades de atendimento foram criados 37 mil empregos.

Para a indústria farmacêutica, outro aspecto da economia que pesa na balança é a carga tributária, pois ela tem impacto no acesso da população aos medicamentos. “O desenvolvimento de um produto farmacêutico demora de oito a 12 anos, com investimentos que podem chegar a US\$ 1,5 bilhão. Em nosso setor, a carga tributária é de 33%, ou seja, de cada R\$ 100 que custa um produto, R\$ 33 vão para o governo, quando ele é que deveria fomentar o acesso da população aos medicamentos”, diz Nelson Muscolini, presidente executivo do Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos (Sindusfarma), que representa 370 empresas nacionais e internacionais. Seus associados detêm mais de 95% do mercado de medicamentos do país e geram cerca de 90 mil empregos diretos e 500 mil indiretos.

A conjuntura também é motivo de preocupação para Paulo Henrique Fraccaro, superintendente executivo da Associação Brasileira da Indústria de Artigos e Equipamentos Médicos, Odontológicos, Hospitalares e de Laboratórios (Abimo), que representa 315 empresas de um universo de 600. “Há muito tempo reivindicamos uma política setorial específica para repensar aspectos como tributação, apoio à inovação, fomento e financiamentos, que não existem para a área de equipamentos e produtos descartáveis”, argumenta.

Regulação é um grande desafio para os prestadores de serviços de exames de imagem e análises clínicas, afirma Claudia Cohn, presidente do Conselho de Administração da Associação Brasileira de Medicina Diagnóstica (Abramed). “As agências reguladoras da saúde e o próprio Ministério deveriam examinar os impactos na saúde privada antes de publicar novas regulamentações”, explica. Não são raros os casos em que normas são modificadas porque causaram um efeito mais negativo do que positivo. Na tentativa de minimizar esse tipo de problema, sociedades de especialidades médicas e entidades de classe, como a Abramed, oferecem seus especialistas para auxiliar na regulamentação.

À parte essas queixas, o setor de medicina diagnóstica no país é imenso. Em 2017 foram realizados 2 bilhões de exames de imagem e análises clínicas – 817 milhões deles foram feitos na rede suplementar ou privada. No mesmo ano, o mercado de medicina diagnóstica no Brasil gerou receita bruta de R\$ 35,4 bilhões.

Diretamente ligadas à medicina diagnóstica estão 45 empresas associadas da Câmara Brasileira de Diagnóstico Laboratorial (CBDL), que fornecem produtos e equipamentos para laboratórios clínicos. “Nosso principal desafio é oferecer produtos cada vez mais inovadores para diagnóstico”, diz Carlos Eduardo Gouvêa, presidente executivo da CBDL. O setor cresceu 8,8% nos últimos 12 meses em consumo aparente (produção industrial doméstica mais importações menos exportações), chegando a cerca de US\$ 2 bilhões.

Para as farmácias, o maior desafio, dentro da onda global de priorizar a prevenção de doenças, tem sido melhorar a participação desses estabelecimentos nos cuidados com a saúde dos clientes e ampliar a oferta de serviços. Segundo o presidente da Associação Brasileira de Redes de Farmácias e Drogarias (Abrafarma), Sergio Mena Barreto, “até 2013, casos simples como gripes ou intoxicação alimentar demandavam atendimento em postos de saúde e hospitais”.

Barreto explica que o orçamento público não consegue arcar sozinho com todos os gastos. É essa lacuna que as farmácias tentam preencher, ao oferecer serviços de revisão de medicamentos, acompanhar o tratamento indicado pelo médico, medir pressão e níveis de colesterol e glicose, além de aplicar vacinas. Esse atendimento é regulamentado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). A Abrafarma reúne 25 grandes redes de farmácias no Brasil que, juntas, geram 129 mil empregos diretos. O varejo farmacêutico soma 78 mil estabelecimentos e movimenta R\$ 100 bilhões.

INOVAÇÃO

Inteligência artificial, machine learning, realidade aumentada... O setor de saúde no Brasil tenta acompanhar o acelerado movimento de transformação tecnológica que permeia produtos e processos ao redor do mundo. Nas páginas a seguir, você conhecerá um pouco da história e das aplicações de avanços como a telemedicina, entre várias outras inovações e novas ferramentas. Outra dessas ferramentas – e que tem se mostrado extremamente útil no universo da medicina – é a realidade virtual (ou realidade aumentada). Equipamentos de realidade virtual permitem a médicos e enfermeiros praticar procedimentos em um ambiente de total imersão.

É o que tem feito desde o ano passado a Johnson & Johnson Medical Devices em suas unidades de São Paulo e Recife. Como o projeto começou dentro da área de ortopedia da empresa, o foco da plataforma, por enquanto, ainda está centrado nessa especialidade. “Fazemos treinamentos para cirurgias de artroplastia de joelho, em que a articulação é substituída por uma prótese, e de quadril, além de procedimentos em trauma com fratura de quadril e cirurgia ortognática, para os maxilares”, explica Elisabete Murara, diretora sênior de educação para América Latina. Em breve, a empresa iniciará treinamentos em cirurgia geral.

NA PRÁTICA

Um caso real ilustra esse cenário de inovação aplicada. Preocupada com os problemas de fala da filha Sofia, que nasceu com síndrome de Down e aos 3 anos ainda apresentava dificuldades, a cientista de computação Marinalva Soares procurou ajuda da amiga e pesquisadora Alessandra Macedo na USP de Ribeirão Preto. Depois de muita pesquisa, nasceu o aplicativo SofiaFala, que usa inteligência artificial para interpretar e avaliar a qualidade da fala de crianças com Down. O programa capta o som emitido e, por uma interface que incentiva a criança a participar, como se fosse um jogo, ajuda-a a pronunciar corretamente as palavras. Ao mesmo tempo, envia as informações ao fonoaudiólogo para que ele possa acompanhar a evolução do aprendizado.

O app recebeu financiamento do CNPq e começou a ser desenvolvido em 2016. O trabalho reuniu uma equipe multidisciplinar da universidade, formada por profissionais de áreas de ciência da computação, fonoaudiologia, engenharia e psicologia. Foi lançado este ano.

NÚMEROS SAUDÁVEIS

Os hospitais geraram **96 mil** empregos em 2018

O mercado de medicina diagnóstica atingiu **R\$ 35,4 bilhões** de receita bruta em 2017

O varejo farmacêutico engloba **78 mil estabelecimentos** e movimenta **R\$ 100 bilhões**